

Holocausto brasileiro (I)

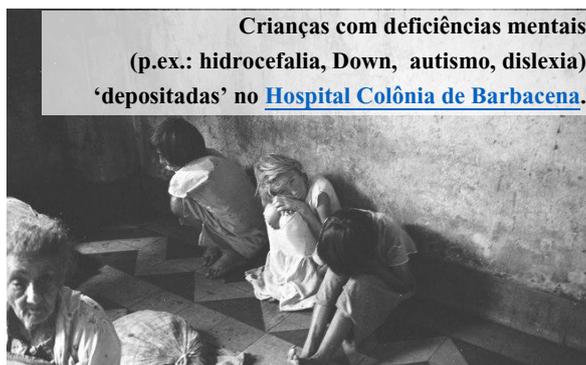
CRIME DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]



Franco Basaglia
(Veneza/Itália, 1924-1980)



Crianças com deficiências mentais
(p.ex.: hidrocefalia, Down, autismo, dislexia)
'depositadas' no [Hospital Colônia de Barbacena](#).



Egas Moniz
(Avanca, 1874 – Lisboa/Portugal, 1955)

O elegante pavilhão de entrada do [Hospital Colônia de Barbacena](#) (Colônia) escondia cenas que nada deviam aos “campos de concentração do carrasco Eichmann” (Luiz Alfredo e José Nicolau, 1961). Cenas de genocídio que indignaram Franco Basaglia em sua visita (1979) e revelaram os “[Porões da Loucura](#)” (Firmino, 1982) nas entrevistas e investigação da Jornalista Daniela Arbex para tornar público o “[Holocausto Brasileiro](#)” (2013), perpetrado entre 1930 e 1980, com o extermínio de 60 mil pessoas. Este **CRIME DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS** tem uma conotação peculiar, ressaltada por Arbex: “*Este é um Crime do Estado, sem dúvida, mas não é ‘apenas’ isso.*” Buscando respostas à sua pergunta “*De quem é a culpa?*”, através da escuta dos depoimentos de quem passou pelo Colônia (desde internos, familiares, vizinhos do local, até profissionais de diversas categorias), compreendeu que toda a sociedade foi (e é) responsável por este Crime. Franco Basaglia, psiquiatra italiano, de convicções políticas de esquerda, mencionou: “*Estive hoje em um campo de concentração nazista. Em nenhum lugar do mundo, presenciei uma tragédia como esta*”. Sua atitude iniciou a luta pela interrupção da barbárie no Colônia (fechado somente no final dos anos 1980). As [conferências](#) que se sucederam influenciaram o movimento de desinstitucionalização psiquiátrica. Admirado pelos que defendem a democracia e a saúde, o psiquiatra [Basaglia](#) (Veneza/Itália, 1924-1980) empenhou sua vida na luta antimanicomial. Também se dedicou à Saúde do Trabalhador, escrevendo sobre “Segregação e Controle Social” ([veja](#)). Estes eram, por sinal, os ‘princípios’ do Colônia: 70% dos internos não tinham transtornos mentais. Havia rebeldes, moradores de rua, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, mendigos, pessoas com tuberculose, sífilis, hanseníase, “gente que se tornara incômoda” às elites (meninas grávidas estupradas por patrões, amantes de políticos), epiléticos, pessoas sem documentos, homens “apenas tímidos” ou “mulheres que não queriam se casar”, crianças “indesejadas” com deficiência mental (Down, paralisia cerebral, autismo, hidrocefalia, dislexia etc) ou física etc. O Colônia foi concebido (1903) para o tratamento da tuberculose, principalmente das famílias abastadas, devido ao clima propício de Barbacena.

Mais tarde, passou a receber alienados, integrando outras instituições psiquiátricas da cidade (apelidada então de “Cidade dos Loucos”), e também o Cemitério da Paz que chegava a receber 60 corpos por dia, sendo a média diária de cinco mortos ([assista](#)). Morriam de inanição, espancamento, doenças, congelamento, asfixia, lobotomias etc. Para culminar, e não por acaso, o período de maior extermínio foi nos anos de chumbo (1970) da ditadura militar. O Holocausto Brasileiro - **CRIME DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS** - inicia um seriado sobre páginas obscuras de nossa história que teimam em continuar nos ameaçando. Encerrando esse 1º episódio, destaque-se que no Colônia, no Juqueri (SP), na Juliano Moreira, Pínel, Pedro II, Doutor Eiras (RJ), dentre outros, praticava-se choques insulínicos, eletrochoques, [lobotomias e leucotomias](#). Esta neurocirurgia foi inventada por Egas Moniz (foto ao alto à direita), que também desenvolveu a arteriografia cerebral possibilitando o diagnóstico de aneurismas e tumores. Egas Moniz foi laureado com o Nobel (1949) pela leucotomia pré-frontal, precursora das intervenções cirúrgicas no lobo pré-frontal visando o controle comportamental. Submetidos à lobotomia (técnica desenvolvida na mesma época e mais agressiva) transformam-se em zumbis, perdem a conexão com a realidade, alienam-se do mundo, tornando-se menos agressivos. A escolha do comitê do Nobel revela, em si, concepções de valor. Depreende-se que o controle dos corpos e das mentes era mais esperado pela sociedade que o diagnóstico de lesões neurológicas passíveis de fato de correções cirúrgicas. Egas Moniz foi um ativista político da direita, líder do Partido Centrista Republicano de Portugal (composto por militares de alto escalão), cujo objetivo era derrotar o governo do Partido Democrático. Acima, entre as fotos dos dois expoentes do estudo dos transtornos mentais, vê-se a foto das crianças do Colônia, abandonadas pela vergonha das famílias, negligência do Estado, desumanidade... De que lado da foto devemos estar no próximo dia 30/10/2022 no Brasil? Do médico de esquerda que protegeu as crianças da crueldade ou do médico de direita que as transformava em zumbis?

De que lado estaremos?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.